

*Paulo Eduardo Vidal Leite Ribeiro*

## Palácio Gustavo Capanema

Processo de restauração e revitalização

### Resumo

O Projeto de Restauração e Revitalização do Palácio Gustavo Capanema que vem sendo desenvolvido no Setor Técnico da Administração do PGC / IPHAN procura além de promover a restauração e conservação do bem tombado, inclusive de todo o acervo de obras de arte e mobiliário original, modernizar sua infra-estrutura, otimizar a ocupação dos espaços, potencializar a vocação cultural do prédio e normatizar sua utilização e manutenção.

### Introdução

A ação pioneira do SPHAN de preservar o prédio do Ministério da Educação e Saúde Pública promovendo sua inscrição no Livro do Tombo das Belas-Artes em 1948, apenas três anos após sua inauguração, garantiu condições excepcionais de autenticidade de sua arquitetura, inclusive com relação aos materiais de acabamento e mobiliário.

O fato do SPHAN estar instalada no prédio desde a inauguração e ter entre seus colaboradores diversos modernistas, inclusive Lúcio Costa que ali trabalhou como chefe da Divisão de Estudos e Tombamentos até sua aposentadoria em 1972, contribuiu para que as intervenções realizadas ao longo dos anos mantivessem intactos os principais aspectos de seu espaços.

No entanto, a perda do status de sede ministerial - devido à transferência da Capital Federal para Brasília - e a carência de verbas para uma manutenção preventiva acabaram por provocar um acúmulo de problemas que, no início da década de 80, necessitavam de uma ação urgente. O Projeto de Recuperação e Preservação do Palácio da Cultura implantado pela Secretaria da Cultura/MEC, em 1981, realizou um extenso trabalho de inventário da documentação existente sobre o prédio, cadastrou por meio de fichas técnicas boa parte da arquitetura, mobiliário e obras de artes e, por fim, promoveu diversos serviços de restauração e manutenção.

Como ação complementar foi firmado, em 1983, um convênio entre a Fundação Nacional Pró-Memória e CPDOC da Fundação Getúlio Vargas para realização de uma ampla pesquisa documental que resultou no livro *Colunas da Educação* publicado pelo IPHAN, em 1996. Trata-se de literatura imprescindível a qualquer estudioso do prédio por reproduzir na íntegra os principais documentos relacionados com o projeto e a construção do MESP, explicitando, portanto, a dinâmica dos acontecimentos e as relações políticas e técnicas envolvidas no processo.

O precário estado de conservação verificado em 1993 deveu-se, principalmente, à escassez de verbas para a manutenção sistemática do edifício que possui aproximadamente 27.000 m<sup>2</sup> de área construída. A reversão deste quadro teve início com um relatório preparado pelo IPHAN e que sensibilizou as autoridades, gerando, em 1994, um convênio firmado entre o MinC, o MEC e a Petrobras, prevendo a alocação de dez milhões de reais para a restauração e revitalização do bem tombado.

## Breve Histórico

O terreno onde foi implantado o prédio do Ministério da Educação e Saúde Pública é resultante do desmonte do Morro do Castelo ocorrido na década de 20. O Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento da Cidade do Rio de Janeiro elaborado na administração do Prefeito Antônio Prado Júnior (1926-1930), pelo arquiteto francês Alfred Agache, deu forma definitiva ao arruamento da esplanada e condicionava a volumetria e gabaritos das edificações.

A construção de nova sede para o Ministério da Educação e Saúde Pública inseriu-se no programa de grandes transformações promovidas por Getúlio Vargas na capital federal durante o Estado Novo que tinha por objetivo “centralizar as diversas repartições de cada departamento de Estado” (Revista do Serviço Público, outubro de 1938). Porém, a intenção era não só administrativa mas também a de “auxiliar, fomentar e ampliar, com seu concurso, o patrimônio da arte do país” (Revista do Serviço Público, janeiro de 1939). São desta época as sedes dos Ministérios do Trabalho, da Fazenda, da Marinha, da Guerra e da Educação e Saúde, bem como os prédios da Alfândega, da Central do Brasil, do Entreposto de Pesca e o Palácio do Jornalista (ABI).

O concurso público promovido em 1935 para escolha do projeto do MESP previa em seu edital a obrigatoriedade do atendimento à legislação urbana em vigor para a denominada Quadra F. “A lei exigia o limite de sete pavimentos alinhados, com quadra interna”(Costa, 1995: 169) e, para se ter uma idéia da insatisfação dos arquitetos com as amarras da legislação basta dizer que do universo de 35 concorrentes 32 foram desclassificados pelo júri por proporem soluções não convencionais.

Archimedes Memória com um projeto em estilo eclético marajoara sagrou-se vencedor do concurso, porém, descontente com o resultado, o Ministro Gustavo Capanema paga o prêmio mas resolve não contratar o desenvolvimento de um projeto. A questão se encontrava no campo das idéias, Capanema desejava um prédio moderno e incumbiu o arquiteto Lúcio Costa da elaboração do projeto. Travou-se a partir deste momento uma batalha entre o pensamento acadêmico, enraizado na Escola Nacional de Belas Artes desde o século XIX, e os partidários dos novos conceitos ditos modernos. A batalha anterior ocorrida durante a rápida passagem de Lúcio Costa pela direção da ENBA, em 1931, teve como vitorioso justamente Archimedes Memória, indicado para substituí-lo. Tratou-se portanto de uma luta por espaço político e mercado de trabalho, tendo desta feita prevalecido o pensamento moderno.

## A Evolução do Projeto do MESP - 1936

O polêmico projeto para o MESP foi elaborado no decorrer do ano de 1936 pela equipe integrada pelos arquitetos Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcelos, coordenada por Lúcio Costa. A equipe desenvolveu um projeto com planta em “U”, sendo o corpo principal mais alto implantado no centro da quadra, paralelo à Rua Araújo Porto Alegre. Este corpo possuía *brise-soleil* na fachada norte – segundo o Memorial Descritivo do projeto seriam “lâminas fixas de vidro granitado formando venezianas” - e fachada sul envidraçada. Alas laterais mais baixas e sobre pilotis se estendiam a norte e configuravam um pátio com espelho d’água. No eixo do pátio sul foi localizado um corpo trapezoidal de dois pavimentos para abrigar o auditório.

Findo o projeto a equipe, por idealismo, solicitou a Capanema a vinda de Le Corbusier para opinar sobre a qualidade do trabalho. “É que, apesar de se tratar de um belo projeto, tínhamos nossas dúvidas e deliberamos submetê-lo ao veredito do mestre.” (Costa, 1995: 135) Em sua profícua estada de três semanas no Rio de Janeiro, Corbusier proferiu seis palestras e elaborou estudos para o prédio do MESP e para a Cidade Universitária.

Ao analisar o plano urbanístico para o entorno da Quadra F, Corbusier de imediato percebeu que o prédio logo estaria envolto por edificações inexpressivas. Pareceu-lhe mais adequado transferir o prédio para um terreno existente no aterro da Av. Beira Mar, cuja vista da Baía da Guanabara jamais seria perturbada.

Quanto ao prédio projetado pela equipe, considerou-o por demais simétrico e estático, conta-se que lhe deu a alcunha de “múmia”. Tratou logo de projetar um novo edifício muito mais elegante. Possuía um bloco principal baixo e alongado cuja parte central apoiava-se diretamente no terreno e as extremidades estavam sobre pilotis, um corpo transversal disposto fora do eixo de simetria abrigava do lado sul o Salão de Exposições e do lado norte o Auditório. Lúcio Costa

relata que Corbusier teria declarado ter simplesmente aberto o prédio projetado pela equipe de arquitetos brasileiros.

A impossibilidade de permuta do terreno frustrou os planos de Corbusier que, a contragosto, antes de partir, ainda rascunhou um novo projeto para a Quadra F. O início da Segunda Grande Guerra impossibilitou qualquer continuidade na colaboração de Corbusier com a equipe brasileira.

O projeto construído foi desenvolvido a partir do primeiro estudo deixado por Corbusier, que segundo Lúcio Costa era “um belíssimo projeto, de partido horizontal, para o terreno situado mais ou menos onde foi construído o MAM, proposição esta que nos serviu de base ao novo projeto de partido vertical, que fizemos para o terreno do Castelo.” (Costa, 1984: 53)

Em seu recente livro de memórias, *As curvas do tempo*, Oscar Niemeyer nos relata como a equipe abandonou o desenvolvimento do segundo estudo de Corbusier:

“Para mim, o primeiro estudo era muito melhor. E, quando vi os desenhos do segundo projeto sendo concluídos, tentei, angustiado, uma idéia diferente tendo como base seu primeiro projeto.

Carlos Leão gostou dos croquis que eu desenhei; falou com Lúcio, eu os joguei pela janela – nunca me ocorreu vê-los aproveitados -, Lúcio mandou busca-los e foram aproveitados.”(Niemeyer, 1999: 91)

Niemeyer declara ainda como suas as seguintes sugestões: “a eliminação das saliências previstas na fachada posterior para localização dos sanitários; a adoção do corredor central em vez da circulação singela; a exclusão da primeira placa de *brise-soleil* junto ao peitoril.” (Niemeyer, 1999: 91/92)

Quanto à altura de 10 metros para o pilotis do bloco principal, cuja autoria lhe é constantemente atribuída, revela que chegou a pensar que realmente fosse de sua autoria, no entanto, alertado por Lúcio Costa, compreendeu seu equívoco.

“Realmente, todas as colunas externas do prédio tinham quatro metros de altura como eu dizia, mas aquelas, que estavam atrás dos vidros do hall, me passaram despercebidas; tinham 10 metros!

... Quando deixei o hall livre dos vidros, com a praça a invadi-lo de lado a lado, dei àquelas colunas *allure* e as tornei muito mais importantes do que antes. Soltas, monumentais.” (Niemeyer, 1999: 103)

A integração entre a arquitetura e as artes é outro ponto marcante do projeto que reflete o pensamento do mestre modernista. No texto *L'Architecture et les Arts majeurs*, desenvolvido durante a viagem de vinda a bordo do Zeppelin, Corbusier preconiza:

“Em torno do edifício, dentro do edifício, há lugares precisos – lugares matemáticos que integram o conjunto e que constituem tribunas onde a voz de um discurso encontrará seu eco em derredor. Tais são os lugares da estatuária.”(Corbusier,1936)

Homem de extrema cultura e rara sensibilidade, Gustavo Capanema atuou de forma determinante tanto na escolha dos artistas, quanto na temática e localização das obras de artes. O acervo do prédio é constituído por esculturas de Jacques Lipchitz, Bruno Giorgi, Celso Menezes e Adriana Janacopulos e por pinturas, afrescos e painéis de azulejos de Portinari. O projeto dos jardins com canteiros de formas orgânicas e vegetação tropical são de autoria de Roberto Burle Marx, que se agregou à equipe somente em 1942.

Participaram ainda da equipe os engenheiros: Emílio Baumgart, responsável pelo projeto estrutural - “uma das primeiras aplicações de lajes lisas em *rippendeck*”(Santos, 1981:114) -; Saturnino de Brito, com as instalações hidráulicas; e Carlos Stroebel, com o projeto das instalações elétricas e de telefonia. Segundo Paulo Santos, Stroebel teria sugerido inclusive a instalação de células fotoelétricas para comando automático da movimentação dos *brise-soleil*, o que não foi aceito.

## A Restauração e Revitalização – 1994/99

O Projeto de Restauração e Revitalização do Palácio Gustavo Capanema que vem sendo desenvolvido no Setor Técnico da Administração do PGC / IPHAN procura além de promover a restauração e conservação do bem tombado, inclusive de todo o acervo de obras de arte e mobiliário original, modernizar sua infra-estrutura, otimizar a ocupação dos espaços, potencializar a vocação cultural do prédio e normatizar sua utilização e manutenção.

Como consequência do rígido controle imposto pelo tombamento o prédio sofreu poucas intervenções, sendo relevantes: o prolongamento do corpo do Salão de Exposições realizada ainda durante a obra, em 1944; a introdução, ao longo dos anos, de divisórias altas em madeira criando áreas reservadas para gabinetes e plenários em alguns pavimentos tipo; e, principalmente, a transformação do restaurante existente na cobertura em salas de trabalho, consumada em 1986.

O levantamento e o estudo do caráter e qualidades arquitetônicas das intervenções, do estado de conservação dos materiais de acabamento e a necessidade de dotar o prédio de instalações modernas e eficientes que atendessem ao novo programa de uso dos espaços, foram as diretrizes que nortearam a elaboração do projeto. Como critério principal de intervenção adotou-se a

reversibilidade aliada a uma linguagem arquitetônica nitidamente contemporânea, mas inspiradas nos elementos originais existentes no prédio.

Foram restaurados os espaços originalmente projetados para uso público - Salão de Conferências com capacidade de 400 lugares, reversível para apresentações de música de câmara e projeções de cinema e Salão de Exposições - e adaptados para serem abertos ao público alguns espaços originalmente pouco acessíveis ao visitante comum. Neste caso se enquadra o 2º pavimento, antigo gabinete do Ministro de Estado, que possui como atrativos o Hall Nobre onde está localizado um grande afresco de Cândido Portinari - *Jogos Infantis* -, o Salão Portinari com suas paredes revestidas de belos afrescos representando os *Ciclos Econômicos* e, ainda, uma exposição denominada “1937-1945 A Construção do Moderno”. No térreo, a antiga garagem do edifício foi completamente remodelada para abrigar uma moderna sala de espetáculos de MPB com capacidade para 250 lugares.

Outros projetos encontram-se em desenvolvimento, como, por exemplo, a cobertura do prédio, originalmente destinada a um restaurante para atendimento dos funcionários e autoridades que trabalhavam no ministério e que hoje está ocupada por uma repartição do MEC. Estuda-se a viabilidade de recuperar o uso proposto original, no entanto, abrindo o restaurante ao público que, assim, poderá desfrutar do terraço com jardins de Burle Marx existentes no 16º pavimento, do qual se vislumbra uma panorâmica da cidade.

O prazo de conclusão dos trabalhos inicialmente estimado em três anos teve que ser dilatado devido a impossibilidade governamental de cumprir o cronograma de desembolso estipulado no Convênio, assim, até o presente momento foram executadas 70% das obras previstas. No entanto, mesmo antes de completada a restauração é possível verificar que a meta de revitalização do prédio foi atingida. A qualidade e versatilidade dos espaços, aliadas às modernas instalações prediais, tem atraído as atenções das instituições vinculadas ao MinC e hoje já não há espaços ociosos no prédio.

## Procedimentos Executivos

Na 1ª etapa das obras, executada entre 1995 e 1997, priorizou-se o restabelecimento da segurança dos usuários e transeuntes e a restauração dos espaços de uso público. Foram recuperadas e modernizadas as instalações prediais e restaurado todo o arcabouço externo – impermeabilizações, brises, esquadrias, revestimentos de fachada, jardins, pavimentações e painéis de azulejos de Portinari –, bem como, restaurados os Salões de Conferências Gilberto Freyre e de Salão de Exposições Carlos Drummond de Andrade e instalada a Sala FUNARTE no local da antiga garagem.

Na 2ª etapa da obra executada em 1998 foram recuperadas as áreas internas dos pavimentos – revestimentos, mobiliário divisório e sanitários - tendo sido adotado todas as recomendações da

NB para atendimento de deficientes físicos. Ainda nesta etapa restaurou-se a totalidade das esculturas do acervo e os afrescos “*Primeira Aula do Brasil*” e “*Aula de Canto*” de Portinari.

A 3ª etapa prevista para 1999/2000 contemplará a modernização dos elevadores, instalações complementares e a restauração dos afrescos “*Jogos Infantis*” e “*Ciclos Econômico*” de Portinari.

### Painéis de Azulejos

A azulejaria do Palácio Gustavo Capanema é um dos pontos altos do acervo do prédio, seu valor independe do fato de compor o monumento, sendo um dos mais belos conjuntos elaborados por Cândido Portinari que contou com a colaboração de Paulo Rossi. O emprego de azulejos no revestimento externo adotado no Palácio marcou a revalorização de uma tradição da arquitetura luso-brasileira que havia sido praticamente abandonada. Portinari voltaria a executar painéis de azulejos para compor a fachada da Igreja da Pampulha, MG, de Oscar Niemeyer e do bloco escolar do conjunto Pedregulho, RJ, de Afonso Reidy, entre outros.

Dos sete painéis de azulejos do prédio seis são de autoria de Portinari, sendo os principais os dois situados nas fachadas do Hall de Funcionários, um voltado para a Rua Graça Aranha e o outro, sob os pilotis, voltado para o Hall Principal. O painel da Caixa da Escada Secundária é de autoria de Paulo Rossi, cuja firma, a Osirarte, executou todos os azulejos. À época, trabalhavam na Osirarte pintando azulejos entre outros Mário Zanini, Roberto Blanco, Hilda Weber e Volpi.

Portinari e Paulo Rossi escolheram motivos marinhos para tema dos painéis de azulejaria, talvez, pelo fato do prédio estar, na época de sua construção voltado para a Baía da Guanabara, uma vez que não existiam ainda o Aterro do Flamengo e os prédios fronteiros.

Quando a Equipe Técnica iniciou seus trabalhos os painéis apresentavam sérios problemas, tais como: grandes falhas por desprendimento e queda de azulejos; deturpações nas composições provocadas por intervenções errôneas e sem critério; preenchimento de falhas com argamassa; áreas com azulejos com fixação precária; etc.

Foi necessária a realização de um trabalho cuidadoso de identificação e mapeamento das intervenções, comparação das composições originais com as existentes, produção de novos azulejos seguindo os padrões, cores e tonalidades originais e, por fim, a remoção cuidadosa das argamassas ou azulejos que adulteravam a composição e instalação de réplicas dos originais. Estas réplicas foram produzidas em Belo Horizonte, pela empresa Oficina Cerâmica Terra, que apresentou o padrão de qualidade exigido para reprodução artesanal das peças faltantes, viabilizando assim a restauração.

## Revestimento de Gnaisse

O revestimento em placas de gnaisse extraído do Morro da Viúva, típico do Rio de Janeiro, recobre 5.400 m<sup>2</sup> das fachadas. Toda a área foi verificada quanto ao sistema de fixação das placas, as peças soltas foram refixadas com chumbadores de aço e as partes faltantes foram completadas com placas de gnaisse cortadas de peças de cantaria de demolição pois as pedreiras desta rocha já não são mais exploradas.

Um dos trabalhos mais cuidadosos foi executado nas muretas do guarda-corpo do Terraço Jardim existente no segundo pavimento do prédio, que apresentavam uma série de trincas nas placas de gnaisse de revestimento e, também, um significativo desaprumo. A causa dos danos era desconhecida e tínhamos dúvida se o processo de desaprumo estava estabilizado. Foram realizados: levantamento gráfico preciso da geometria da mureta, incluindo fissuras, deslocamentos e desaprumos em todo o perímetro; medições com instrumento de precisão (alongômetro) dos deslocamentos diários e prospecções para verificação da armadura da laje, entre outros testes, concluindo-se que não havia risco eminente de ruína da mureta. Optou-se, portanto, por não executar qualquer estrutura de reforço, sendo realizada a refixação das placas de gnaisse mantendo as trincas funcionando como juntas de dilatação e recuperando visualmente o revestimento com uma argamassa especial.

A medição periódica da progressão do desaprumo determinará a necessidade, ou não, de intervenção. Nesse caso foram utilizadas técnicas não invasivas e pouca invasivas para chegar ao diagnóstico final, sendo fundamental salientar, também, que o levantamento gráfico preciso e o relatório final dos serviços executados são a garantia de sucesso das avaliações futuras. Não intervir fisicamente na mureta naquele estágio da “doença” foi a decisão acertada, pois preserva a sua matéria original, sobretudo o revestimento de gnaisse que estava quase intacto. Por fim, o custo da solução final é significativamente menor do que qualquer tentativa, desnecessária, de consolidação.

## Esquadrias Metálicas

As esquadrias metálicas são constituídas por caixilhos de aço carbono AISI 1010, com pintura esmalte sintético acetinado na cor grafite escuro sendo em sua maior parte do tipo guilhotina com sistema de contrapesos para possibilitar a movimentação dos grandes panos de vidro. Além da execução da recuperação completa das esquadrias metálicas externas que por suas dimensões sofreram ao longo dos anos desgastes de uso e ação das intempéries, fez-se também a instalação de testeiros metálicos na fachada sul, nas faixas correspondentes as lajes dos pavimentos. Estas faixas eram originalmente arrematadas com argamassa e pintadas na cor grafite para se confundir com a esquadria metálica, no entanto, como a argamassa pintada se deteriorava mais rapidamente que a esquadria metálica, a fachada sul acabava por apresentar uma marcação horizontal não



prevista no projeto original. Além de resolver este problema estético as testeiras metálicas impedem a infiltração de águas pluviais nos encontros das esquadrias com as lajes, ficando o resultado final bastante discreto .

### Brise-Soleil

Os brises-soleil da fachada norte são constituídos por chapas planas de cimento amianto fixadas em um quadro metálico. Os brises estão dispostos em lâminas paralelas e possuem movimento rotativo em torno do eixo horizontal, feito através de acionamento manual de uma alavanca que regula a posição em relação à incidência dos raios solares, protegendo o interior do prédio nas diferentes estações do ano.

A falta de manutenção do sistema, que em 50 anos recebeu apenas pinturas superficiais, acabou por permitir a ação do intemperismo sobre a peças metálicas, causando a oxidação destas e o fissuramento e queda de diversas chapas de cimento amianto.

Devido ao grande volume de recursos necessários á restauração de todo o sistema a Equipe Técnica optou por realizar a restauração do 2º pavimento como protótipo. Foram testadas diversas soluções e produtos até a determinação da técnica mais apropriada e seus custos. A solução adotada obrigou a numeração e remoção de todos os elementos, desmontagem dos componentes, lixamento das peças metálicas oxidadas, troca de peças comprometidas, aplicação de produto anti-oxidante no quadro metálico, recuperação das chapas de cimento amianto, pintura e remontagem do conjunto conforme posição original.

### Mainéis da Fachada Norte

Os mainéis são estruturas verticais em concreto armado existentes na fachada norte e que suportam os brises-soleil. Durante a etapa de pesquisas foi encontrada a especificação original elaborada para a execução do revestimento dos “elementos fixos do brise-soleil”. Esta especificação alertou para a intenção original dos maineis - que encontramos pintados de branco gelo - serem revestimentos com uma argamassa aparente feita de cimento branco e areia Alba.

Para confirmação dos dados foi solicitado ao INT - Instituto nacional de Tecnologia - a elaboração de testes laboratoriais para reconstituição do traço da argamassa. O resultado dos testes demonstrou que a especificação original ao menos em parte não foi seguida, sendo o cimento branco substituído pela cal hidratada e como agregado usou-se a dolomita - areia Alba cremos ser o nome comercial dado a determinada jazida de dolomita explorada na época.

Estruturalmente os mainéis não apresentam qualquer sinal de avarias que comprometessem sua estabilidade. No entanto, em seu revestimento encontramos problemas generalizados de deterioração, além das três camadas de tinta que o recobrem. A primeira cor empregada foi o marfim, posteriormente substituído por um cinza claro ou branco gelo.

Acreditamos que a deterioração originou-se com a perda de impermeabilidade do revestimento causada pelo fissuramento do reboco que pode ser causada por dilatação diferenciada entre o suporte e o revestimento e/ou por choque térmico - insolação continuada e chuva repentina. A infiltração de água no emboço, menos estável pois apresenta saibro em sua composição, deteriorou a argamassa e provocou a expulsão do reboco.

A recuperação do revestimento foi executada seguindo a seguinte metodologia:

Remoção da camada pictórica por processo mecânico; remoção cuidadosa de toda a argamassa deteriorada e/ou intervenções que se destacassem do acabamento original; consolidação revestimento original com a finalidade de selar as fissuras existentes; recomposição das lacunas do revestimento com uma argamassa de cal hidratada e dolomita no traço 1:3,3 - foi utilizada uma dolomita com granulometria similar à original, verificada nos testes laboratoriais; limpeza final de todo o revestimento e aplicação de produto hidrofugante Acquila da Otto Baumgart.

## Conclusão – Avaliação do Processo

Uma das dificuldades do trabalho de restauração de um prédio moderno está relacionada ao fato de estes serem dotado de uma série de elementos industrializados, não mais fabricados, cuja reprodução artesanal é praticamente impossível. Faz-se necessário a criação de um cadastro de fornecedores e fabricante que mantém em sua linha de produção produtos da década de 30, 40 e 50 deste século ou que realizem sua reprodução.

No entanto, sem dúvida, o fato dos recursos serem quase sempre liberados no final do exercício fiscal, aliado às restrições impostas pela Lei de Licitações nº 8666 para contratação dos serviços e à necessidade de executar as obras com o prédio ocupado e funcionando foram os fatores que demandaram da equipe do ST/IPHAN o maior esforço. Viabilizar a contratação de empresas qualificadas e gerenciar a execução de forma a minimizar os transtornos causados, inevitavelmente, por uma obra deste porte, por vezes, tornou-se uma tarefa árdua.

Entretanto, é com satisfação que constatamos que, como reflexo da melhoria de suas instalações, o edifício voltou a estar com sua ocupação plena e as instituições nele sediadas passaram a demandar projetos de adequação do lay-out interno dos pavimentos para dar maior eficiência às suas atividades, garantindo assim a revitalização das áreas administrativas.

## Bibliografia

- BARDI, Pietro Maria. Lembranças de Le Corbusier: Atenas, Itália, Brasil. São Paulo: Nobel, 1984.  
CAVALCANTI, Lauro. Preocupações do Belo. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995.  
COSTA, Lúcio. Em 1936, a bordo do Zeppelin. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no 19, 1984.

\_\_\_\_\_. Lúcio Costa: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.  
CZAJKOWSKI, Jorge (org.). Jorge Machado Moreira. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.  
CORBUSIER, Le. A Arquitetura e as Belas-Artes, 1936. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 19, 1984.  
LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de (org.). Colunas da Educação, A Construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945). Rio de Janeiro: MinC/IPHAN; FGV/CPDOC, 1996.  
NIEMEYER, Oscar. As curvas do tempo - Memórias. Rio de Janeiro: Revan, 1999.  
SANTOS, Paulo F.. Quatro Séculos de Arquitetura. Rio de Janeiro: IAB, 1981.  
Cadernos do PRPPC – Projeto de Recuperação e Preservação do Palácio da Cultura / Ministério da Cultura, não publicados, 1983 a 1985.

## Currículo Resumido

Paulo Eduardo Vidal Leite Ribeiro

Mestre em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural pelo PROARQ/UFRJ

Professor de Projeto de Restauro da Universidade Estácio de Sá

Membro do ICOMOS

Atualmente coordena a equipe do IPHAN que restaura o Palácio Gustavo Capanema e possui escritório de consultoria e projetos de restauração.

## Créditos

Este trabalho foi desenvolvido com a colaboração da equipe da Setor Técnico do Palácio Gustavo Capanema e do Departamento de Proteção do IPHAN.